

NA COMPANHIA DA VIOLÊNCIA: O QUE VELHAS VOZES TÊM A DIZER?¹

Daniela Luiza Toazza²

Resumo: Considerando que a longevidade humana foi uma conquista mundial; que o Brasil está envelhecendo rapidamente, e que o estado do Rio Grande do Sul concentra a maior população de idosos do país, estudos sobre esse tema tornam-se relevantes. Sabe-se que o processo de envelhecimento apresenta modificações na configuração de vida dos idosos, tanto no âmbito familiar quanto comunitário; além disso, vive-se em uma cultura que nega o envelhecimento, o que acarreta inúmeras demandas, como a violência contra a pessoa idosa, a qual é a mais preocupante atualmente. Neste contexto, este estudo objetivou analisar as diferentes percepções do processo de envelhecimento e da violência contra tal população. Para tanto, a presente pesquisa deu voz à oito idosos atendidos no CRAS do município de Estação (RS). Os dados foram coletados em uma pesquisa de campo, com entrevistas e questionários, e analisados qualitativamente. Os participantes relataram inúmeros aspectos negativos, como a solidão, o desamparo, as violências, o abandono e o sentimento de inutilidade. No que tange à identificação da violência, a maioria deles identificou as explícitas, como as agressões físicas, as econômicas e o abandono familiar; sendo, ainda, o adoecimento ou a dependência fatores atenuantes para as diversas formas de crueldade. A violência de gênero também esteve presente na vida dos idosos entrevistados, sendo esta, todavia, naturalizada. Diante disso, o fazer profissional do Assistente Social deve ser qualificado para o atendimento dessa população, de modo que a realidade de cada idoso possa ser compreendida, a fim de que seja possível a efetivação de práticas profissionais que atendam o indivíduo em sua totalidade.

Palavras-chave: Envelhecimento humano. Sociedade. Violência contra a pessoa idosa.

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade de Passo Fundo (UPF), pelo protocolo número CAAE 34828820.5.0000.5342, e teve por objetivo analisar as diferentes percepções do processo de envelhecimento e da violência contra a população idosa. Essa pesquisa foi caracterizada como qualitativa, com as informações coletadas em campo, através de entrevistas semiestruturadas e questionários, com oito idosos em atendimento no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) do município de Estação (RS).

As entrevistas foram realizadas de forma individual e, por intermédio delas, efetuou-se a escuta qualificada, a observação e a leitura de realidade; objetivando, assim, a resposta de alguns aspectos vislumbrados pela pesquisa. Os questionários foram preenchidos pelos participantes, sem a presença da pesquisadora. Ambos procedimentos seguiram o protocolo de prevenção da Covid-19.

Ao analisar as percepções, serão conduzidas reflexões que possam contribuir na qualificação do fazer profissional do Assistente Social no contexto em análise, bem como nas ações voltadas à identificação e ao enfrentamento da violência. Esse tema é de suma importância para o Serviço Social, visto que o crescimento do envelhecimento populacional

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Serviço Social, pela Universidade de Passo Fundo; sob orientação da Doutora Cristina Fioreze, em 2020/2.

² Acadêmica do curso Serviço Social da Universidade de Passo Fundo.

traz a necessidade de profissionais capacitados para a atuação com esse público e no processo de combate, enfrentamento e identificação da violência contra essa população; assim como, para a implementação de políticas públicas e ações voltadas ao atendimento das necessidades da pessoa idosa.

Nesse sentido, para suprir os objetivos propostos, este artigo está estruturado em três seções: em um primeiro momento, apresenta-se uma revisão conceitual que dá sustentação à temática trabalhada, abordando-se os conceitos de sociedade, envelhecimento e violência; em seguida, são apresentados os dados da pesquisa, com base em quatro categorias, sendo elas: sentimento sobre o envelhecer, a violência contra a população idosa, a solidão e as formas de enfrentamento; por fim, discorre-se acerca das mudanças no cotidiano em decorrência da pandemia da Covid-19 e aborda-se a conclusão.

2 SOCIEDADE, ENVELHECIMENTO E VIOLÊNCIA NO BRASIL

A longevidade humana é, sem dúvidas, uma grande conquista. Como Teixeira (2018, p. 126) destaca, “a longevidade em massa é um fenômeno contemporâneo, uma construção social da sociedade capitalista moderna e da luta de classes.”. Entretanto, o envelhecimento populacional é um dos maiores desafios da contemporaneidade.

Em todas as sociedades, houve um crescimento acelerado do número de pessoas classificadas como idosas, com faixa etária de 60 anos ou mais. Em 2019, a Organização das Nações Unidas (ONU) projetou que, na próxima década, o número de pessoas idosas no mundo crescerá 46%, sendo “uma das transformações mais significativas deste século.” (ONU, 2019).

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o país, em 2016, tinha a quinta maior população idosa do mundo. Já para 2030, projeta-se que o número de idosos superará o de crianças e adolescentes de 0 a 14 anos de idade, chegando a 18,7%; além disso, estima-se que, em 2060, a população idosa do país atingirá a porcentagem de 32,2% (IBGE, 2020).

O estado do Rio Grande do Sul é o primeiro estado brasileiro que atingiu a pirâmide invertida, quando o número de idosos é maior que o número de crianças e adolescentes; concentrando, hoje, a maior população de idosos do país. De acordo com o IBGE (2020), a título de comparação, a França, que tem um espaço territorial semelhante ao estado, levou 100 anos para a inversão da pirâmide demográfica; enquanto, no Rio Grande do Sul, isso ocorreu em apenas 30 anos. Conforme apresentado pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2019), o fator que explica esse fenômeno em escala global é o declínio da taxa de fecundidade. Logo,

um país inverte a pirâmide quando essa taxa diminui. Em 2012, o IBGE registrou uma queda de 20,1% nesse índice. Sendo assim, diante dessa mudança demográfica, causada por esse declínio, surge um grande desafio profissional para os Assistentes Sociais, bem como para a nação.

O processo de envelhecimento apresenta modificações na configuração de vida dos idosos, como as crises de identidade, as mudanças de papéis, o impacto da aposentadoria e o isolamento social. Dessa maneira, o âmbito familiar e o comunitário demandam uma reestruturação, de modo que sejam ambientes acolhedores, nos quais o fato de ser idoso não seja visto como algo negativo, e as suas necessidades sejam dignamente atendidas. As transformações causadas pelo envelhecimento resultam em novos arranjos domiciliares, as quais, somadas ao cotidiano acelerado da atualidade, acarretam desafios às famílias, ao Estado e à sociedade (CAMPOS; FERREIRA; VARGAS, 2015).

Na atualidade, a perspectiva negativa do envelhecimento ainda se faz presente, sendo este associado a perdas de resistência, da beleza, de saúde, da memória e da produtividade. Segundo Debert (1999), essas associações iniciaram na segunda metade do século XIX, quando a velhice começou a ser sinônimo de decadência física e de ausência de um papel social; gerando esse processo de perdas e de dependências.

Na perspectiva de Goldman (2007), a noção de envelhecimento é construída através de representações culturais e sociais, em um fenômeno em que a sociedade não consegue caracterizar um “papel” para a pessoa idosa. A família, a sociedade e o Estado cultuam que idosos são descartáveis, que não possuem utilidade e acabam se tornando um incômodo, o que acarreta uma gama de violências. Com isso, o autor afirma que

essa contradição é agravada por fatores culturais que idolatram o moderno, o novo, o jovem e ridicularizam o antigo e o velho. Assim, o idoso se depara com problemas de rejeição da auto-imagem e tende a assumir como verdadeiros os valores da sociedade que marginaliza. Dessa forma a marginalização do idoso se processa socialmente e é, muitas vezes, assumida pelo próprio idoso que, não tendo condições de superar as dificuldades naturais do envelhecimento, se deixa conduzir por padrões preconceituosos que o colocam à margem da sociedade (GOLDMAN, 2007, p. 123).

Assevera-se, então, que a perspectiva negativa acerca do envelhecer, na sociedade atual, é marcada pelo enaltecimento do que é jovem e belo, e pela capacidade de produzir. Em um processo de capitalismo/consumo, descarta-se tudo que é visto como velho; desvalorizando, violentando e deixando a velhice às margens. Contudo, de acordo com Andrews (1999), tem-se uma contradição, pois, ao mesmo tempo em que as pessoas querem viver por vários anos, elas não querem experimentar a velhice, nem parecer velhas.

Ainda sobre o aspecto da negatização do envelhecer, Neri e Freire (2000, p. 14) afirmam que “a sociedade não o faz com base em pura invenção, mas como resposta a mudanças evolutivas compartilhadas pela maioria das pessoas dos vários grupos etários, seja em virtude de determinação biológica, seja em virtude de determinação histórica e social”. Dessa forma, a cultura é a determinante para a definição de como a sociedade enfrenta o processo de envelhecimento e enxerga seus idosos. Em uma sociedade capitalista, normalmente, o sujeito passa a ser definido como idoso quando rompe com o mercado de trabalho; quando, literalmente, “aposenta-se”. Esse rompimento, por vezes, traz, também, a ruptura social, a falta e o desconhecimento de atividades de fora do ambiente de trabalho e a redução da renda.

Enquanto, para Pacheco (2005, p. 65), a aposentadoria pode ser considerada como “um rito de passagem para a velhice”, Debert (1999) acredita que a aposentadoria deixou de ser vista como um período de descanso e isolamento, sendo momento ativo, prazeroso e de lazer. Dessa forma, percebe-se o quanto essa fase da vida é uma experiência complexa e heterogênea.

Mesmo com o avanço na legislação e os estatutos que garantem o direito da pessoa idosa, elas ainda passam por situações de violação de seus direitos. Na maioria das vezes, isso ocorre em seus próprios lares, por pessoas próximas; o que dificulta a notificação da violência, em razão dos laços afetivos. O Estado, por sua vez, também pratica violência a essa população que acaba se encontrando em vulnerabilidade social, sem garantia de acessos ou de conhecimento sobre seus direitos.

Constata-se que as pessoas idosas são o segundo grupo da população mais vulnerável à violência. O balanço divulgado pelo Governo Federal, em 2018, sobre os dados de violência a essa população, publicado na revista *Metrópoles*, em 2019, informa que, em 2018, o canal de denúncia *Disque 100* recebeu 37.454 denúncias de violações contra os idosos; representando, 13% em relação ao ano anterior (2017), sendo, em média, 102 casos por dia de violência contra a pessoa idosa no período (AUGUSTO, 2019).

Além disso, a reportagem informa que o balanço divulgado pelo Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos revela que, no mesmo ano, 52,9% dos casos dessas violações foram cometidas pelos filhos, seguido pelo índice dos netos, com 7,8%; sendo a casa da vítima o local com maior evidência de violações, 85,6%. Ainda de acordo com a matéria, os grupos mais violados são as mulheres, com 62,6% dos casos. A faixa etária das vítimas de 71 a 80 anos concentra 33% dos casos, enquanto de 61 a 70 anos, 29%. Dentre as vítimas, 41,5% declararam-se brancos; 26,6%, pardos; 9,9%, pretos; 0,7%, amarelos; e 0,4%, indígenas (AUGUSTO, 2019).

Das violações apresentadas na revista, 38% são negligências; 26,5%, violência

psicológica (humilhação, hostilização, xingamentos), seguido de abuso financeiro e econômico/violência patrimonial, retenção de salário e destruição de bens, com 19,9%. A quarta maior recorrência se refere à violência física, 12,6%, ressaltando que a mesma vítima sofre vários tipos de violação. Ademais, tem-se outro dado preocupante apresentado, o de que mais de 14 mil vítimas declararam ter algum tipo de deficiência. Dessas, 41,6% têm alguma deficiência física, e 37,6%, deficiência mental; seguidos da deficiência visual, com 11,5%, e deficiências intelectual e auditiva, com 4,6% e 4,4% respectivamente (AUGUSTO, 2019).

Além do exposto, em 2020, com o contexto pandêmico, essa situação de violação se acentuou ainda mais. Antonio Costa, secretário nacional de promoção e defesa dos direitos da pessoa idosa, declarou que “no começo de março tivemos 3 mil denúncias, em abril esse índice passou para 8 mil e, em maio, foi para quase 17 mil. Isso se dá devido ao isolamento social.” (BRASIL, 2020, on-line). Assim, nessa circunstância de ação para proteção ao contágio da Covid-19, esse grupo fica mais vulnerável e desprotegido no ambiente familiar, onde, como citado anteriormente, há o maior índice de violência.

Por mais impactantes que os dados sejam, a violência contra a pessoa idosa é disseminada e mais presente na sociedade brasileira do que se imagina, visto que ela ocorre de maneira silenciosa, já que nem todas as vítimas chegam a, de fato, denunciar. Assim, os índices apresentados mostram apenas uma ponta da cultura de dominação, de negligência, de conflitos intergeracionais, de abusos e de violência contra a essa população. Há uma espécie de conluio do silêncio; a família silencia, e o próprio idoso não identifica o contexto violento ou tem medo de denunciar, achando que vai perder o ténue afeto que tem com o agressor (FALEIROS, 2007).

Acerca do conceito de violência contra a população idosa, Minayo (2005, p. 43) refere-se que, internacionalmente, são estabelecidas algumas categorias para as violações mais praticadas contra essa população, são elas:

- Abuso físico ou violência física – expressões que se referem ao uso da força física para compelir os idosos a fazerem o que não desejam, para feri-los, provocar-lhes dor, incapacidade ou morte;
- Abuso psicológico ou violência psicológica – correspondem a agressões verbais ou gestuais com o objetivo de aterrorizar os idosos, humilhá-los, restringir sua liberdade ou isolá-los do convívio social;
- Abuso ou violência sexual – se referem ao ato ou jogo sexual de caráter homo ou hetero-relacional, utilizando pessoas idosas. Esses abusos visam a obter excitação, relação sexual, ou práticas eróticas por meio de aliciamento, violência física ou ameaças;
- Abuso financeiro e econômico – consiste na exploração imprópria ou ilegal dos idosos ou ao uso não consentido por eles de seus recursos financeiros e patrimoniais. Esse tipo de violência ocorre, sobretudo, no âmbito familiar;
- Auto-negligência – diz respeito à conduta da pessoa idosa que ameaça sua própria saúde ou segurança, pela recusa de prover cuidados necessários a si mesma;
- Abandono – é uma forma de violência que se manifesta pela ausência ou deserção

dos responsáveis governamentais, institucionais ou familiares de prestarem socorro a uma pessoa idosa que necessite de proteção;

- Negligência – refere-se à recusa ou à omissão de cuidados devidos e necessários aos idosos, por parte dos responsáveis familiares ou institucionais. A negligência é uma das formas de violência mais presentes no país. Se manifesta associada a outros abusos que geram lesões e traumas físicos, emocionais e sociais, em particular, para as que se encontram em situação de múltipla dependência ou incapacidade.

Além dessas, vale destacar a existência das violências implícitas. Zolotow (2005) chama a atenção para elas, pois acometem os idosos de maneira velada, quando eles são, supostamente, preservados de situações com as quais teriam condições cognitivas e emocionais de lidar; age-se, então, de forma a infantilizá-los, privando-os de um direito de participação e decisão, retirando suas autonomias.

Com isso, Herrera (2004) acentua que, especialmente se o abuso psicológico e a negligência forem considerados, a fronteira entre a dificuldade de cuidar do idoso e a violência torna-se frágil e tênue. Nessa perspectiva, o autor mostra a necessidade de delimitação e de reconhecimento das condições vividas por essa população.

Isso posto, passa-se para a apresentação e a análise dos dados obtidos nesta pesquisa, os quais demonstram como os idosos atendidos no CRAS do município de Estação (RS) percebem o processo de envelhecimento e a violência contra a população idosa.

3 O QUE DIZEM OS IDOSOS?

A presente pesquisa deu voz a oito participantes idosos, entrevistados no mês de setembro de 2020, a seleção dos participantes idosos se deu pelo critério da alfabetização, os participantes selecionados não estavam em atendimento por violência e sim por outras demandas. Na preservação de suas identidades serão usados os seguintes codinomes: 1) José, 76 anos, branco; 2) Maria, 70 anos, branca; 3) Ana, 70 anos, branca; 4) João, 71 anos, negro; 5) Bruna, 85 anos, branca; 6) Gilmar, 60 anos, indígena; 7) Luiz, 75 anos, branco; e 8) Dimas, 81 anos, pardo.

Os dados coletados e analisados nas entrevistas e nos questionários serão apresentados em quatro categorias: a primeira, *Sentimentos sobre o envelhecer*; a segunda, *Violência contra a população idosa*; a terceira, *Solidão e formas de enfrentamento*; e a quarta, *Mudanças no cotidiano em decorrência da pandemia da Covid-19*.

3.1 Sentimentos sobre o envelhecer

Como reiterado anteriormente, a longevidade humana é uma conquista do progresso social, visto que, como afirmado por Capucha (2014), o envelhecimento humano é o resultado das melhorias gerais na saúde, na educação, no trabalho e em outros pontos. De um lado, tem-se a pobreza e saúde como fatores determinantes para a expectativa de vida; por outro, pode-se perceber que esses elementos, quando amenizados por meio do acesso a políticas de transferência de renda e da saúde, pela assistência e pela previdência social, são fatores para o alcance ao envelhecimento em massa. Esses aspectos podem ser detectados nas falas de duas entrevistadas, retratadas a seguir:

Perdi meus queridos pais cedo a mãe com 59 anos e o pai com 67 anos. Por isso eu pensava que a minha vida seria assim também [...] Então a gente pensava também que não ia chega aos 85 [risos] parecia que a gente ia né, antes. Só que hoje em dia a pessoa idosa vive mais né (Bruna, 85 anos).

Eu não imaginava que estaria viva, eu até as vezes deito e fico pensando, eu não me entra na cabeça que eu estou com essa idade, que eu achava que eu não ia aguentar (Maria, 70 anos).

O envelhecimento humano não é apenas um fenômeno marcado pela deterioração do corpo e seu aspecto biológico, mas, sim, um fenômeno social. Em um país de capitalismo extremamente desigual, como o Brasil, esse processo traz consigo as marcas da exclusão, do patriarcado, do racismo e das desigualdades. Conforme explica Minayo (2006, p. 48),

de modo geral, é absolutamente diferente envelhecer no campo ou na cidade; numa família rica ou numa família pobre; ser homem ou mulher; ter tido um emprego e se aposentar ou ter vivido apenas em atividades do lar ou informais e viver de forma diferente. Como para a população em geral, as categorias mais estruturantes da forma de envelhecer são a classe social, o gênero, a atividade social (emprego, trabalho) e a sociabilidade familiar, comunitária ou até religiosa.

Logo, esse é um processo complexo e vivenciado de diferentes formas. As variáveis não expressam somente as diferenças, mostram, também, as desigualdades. Estas encontradas nos seguintes relatos:

[...]então fiquei por aí e continuei trabalhando, no boleio e batalhando pela vida e é o que faço até hoje (Gilmar, 60 anos).

[...]porque olha, as vezes não tinha nada de comida dentro de casa, que nem agora, agora estou em uma pior até receber, tô numa pior (Maria, 70 anos).

[...]pra adiquiri não é fácil, ainda mais hoje né, hoje que é tudo por dinheiro né, não tem [pausa] vai no mercado aí meu Deus do céu, cem reais é troco, é troco (Dimas, 81 anos).

Eu nem sabia pra onde ia, morava numa casinha provisória, eu tava, como é que diz, tu fica sem rumo, sem rumo, eu não tinha vontade pra nada [...] (Luiz, 75 anos).

Dessa forma, nota-se a precarização da legislação trabalhista e a informalidade profissional, em um sistema desigual, no qual o indivíduo recebe apenas para sua subsistência, não conseguindo se preparar financeiramente para seu envelhecimento, o que coloca as pessoas idosas em situação de vulnerabilidade, decorrente da necessidade de se manterem no mundo do trabalho. A ideia cultural de que o trabalho dignifica o homem apazigua essas diferenças enfrentadas, como encontrado na fala do Seu Gilmar:

Então eu pensava assim, que eu ia ter uma vida boa, mas eu não me queixo da vida que eu levo, porque Deus me dando saúde, eu quero trabalha, quero vence e sei que uma hora dessas a gente vence (Gilmar, 60 anos).

Quando se atinge a velhice sendo independente financeiramente, a visão sobre essa fase é mais direcionada às conquistas. As falas a seguir retratam esse viés:

[...]dinheiro não é fácil, má comida, a geladeira véia é lotadinha (Dimas, 81 anos).

A gente o que ganhava gastava, mas vivia, não semos materialista, a gente tem o necessário para sobreviver e vivemos tranquilo (José, 76 anos).

Sendo a independência financeira um fator de positivação nessa fase da vida, Jardim, Medeiros e Brito (2006) acentuam que quando o idoso conquista sua independência financeira, ele vê a velhice como uma fase normal, com mais conquistas do que perdas. Logo, chegar à velhice com estabilidade financeira é um fator importante para a qualidade; ao contrário dos relatos a seguir, os quais demonstram a dificuldade de viver sem essa segurança.

Não pensei que era assim, pensei que ficava rico como tava antes, que lá tinha tudo que quizia, agora já não tem mais né (Luiz, 75 anos).

Olha, eu sabia que a velhice vinha, tudo, má nunca pensei que fosse assim, eu achava que era diferente (Bruna, 85 anos).

[...]eu achei que eu ia ter uma vida boa né, uma vida que hoje eu pudesse estar descansando, que eu não precisava estar batendo bolsa, porque eu já estou com uma idade que já não é mais criança né, idade bem avançada já, com a passagem do dia você já sente o peso da idade né (Gilmar, 60 anos).

Nesse sentido, percebe-se que envelhecer no mundo contemporâneo significa envelhecer em um cenário instável pelas intensas transformações econômicas, sociais, políticas, ideológicas e científicas. Essas mudanças ocorrem de forma veloz, contribuindo com as

inseguranças dos sujeitos que vivenciam essas transformações (MOREIRA; NOGUEIRA, 2008). As falas a seguir demonstram os impactos dessas instabilidades na qualidade de vida:

Ah sempre imaginei uma vida melhor né, uma vida melhor, com mais saúde, mais paz, alegria. Que isso não estou tendo [...] (Ana, 70 anos).

Na vida da gente, as vezes se consegue ser feliz lá tem seus altos e baixos, ainda mais, se tem uma vida avançada (Bruna, 85 anos).

A minha vida depois desse dia foi chorar, até eu receber o BPC (Maria, 70 anos).

Assim, destaca-se que concepções de envelhecimento não podem ser usadas de forma hegemônica; os fatores sociais e culturais delimitam direitos, deveres, vivências e relações intergeracionais. Entre isso, há, também, as experiências individuais em seu processo, como gênero, classe social, trabalho, moradia, contexto familiar, religiosidade e outros. Araldi (2008, p. 16) afirma que “para entender o processo de envelhecimento é necessário ter uma compreensão da totalidade e da complexidade do ser humano, pois cada aspecto seja biológico, cultural ou social não estão desconectados.”.

Dos entrevistados, ao relatar essa etapa vivida, surgia um tom de melancolia, por mais satisfeitos que estivessem em alguns aspectos com as conquistas de vida, a melancolia ao falar da velhice era presente. As falas a seguir demonstram esse aspecto.

Acho necessário haver mais respeito com os idosos, pois um dia todos envelhecem (José, 76 anos).

[...] a gente vai levando conforme Deus ajude (Maria, 70 anos).

[...] não sou feliz (Ana, 70 anos).

[...] e agora tô bom, tô pela metade, mas tô bom, tô bom [...] quero andar, tenho medo de não conseguir (João, 81 anos).

Envelhecer com dignidade, isso é muito bom, mas nem sempre acontece (Bruna, 85anos).

[...] olha como que tô hoje, é isso aí que tô. Mas eu, ainda bem que não me atirei [pausa] (Luiz, 75 anos).

Olha eu nunca fui pretensioso, eu pensei assim, me satisfaz com que Deus me dá, tô contente com que Deus me deu, criei meu fíof, tô colocado (Dimas, 81 anos).

Com isso, constatou-se que a cultura negativa sobre o envelhecer é enraizada na sociedade e atravessa a autocompreensão de quem vive esse momento, consolando-se com suas vitórias e felizes com conquistas de seus entes queridos. Os suspiros, ao falar dessa etapa, foram unânimes.

Como reiterado por Palma e Schons (2000, p. 83), “a velhice, como etapa da vida, também é uma palavra carregada de inquietude, de fragilidade e, às vezes, de angústia”.

3.2 Violência contra a população idosa

No Brasil, o conceito *envelhecimento e sociedade* traz consigo a questão da violência contra a população idosa. Conseqüentemente, muitos sujeitos desse grupo já foram, ou são, vítimas de alguma forma de violência, a qual, no país, está estruturada e historicamente presente na sociedade. De acordo com Minayo (2006, p. 100), “os tipos de violência que a população idosa sofre coincidem com a violência social que a sociedade brasileira vivencia e produz nas suas relações e introjeta na sua cultura.”. Nessa perspectiva, nesta categoria, a discussão sobre a violência será apresentada em dois tópicos: o primeiro, *Violência financeira*; e, o segundo, *Violência de gênero*.

3.2.1 Violência financeira

As violências manifestam-se de diversas formas, podendo ser silenciosas e, muitas vezes, ocultas, por se apresentarem de maneira sutil, estereotipada e, em alguns casos, naturalizada. Os entrevistados trouxeram suas percepções acerca do tema e seus entendimentos conforme suas vivências.

Dentre as diversas formas, a violência financeira apareceu de forma explícita, frequentemente, associada a outras, como percebe-se nas falas a seguir.

Anos atrás eu tinha uma sociedade com meu irmão. Durante este período sofri muitas violências, psicológicas, humilhação e agressões verbais. Também violência financeira [...] fazendo com que eu perdesse meu patrimônio (José, 76 anos).

O meu filho mais novo roubou minha casa, esse filho não existe para mim, nem digo adeus nada, não existe para mim [choro] [...] Em vez dela vir me cuidar ela veio me dá um golpe, eu já tinha atorado a primeira perna [...] daí eu tava mau né, e o que ela pode pegar de mim no banco ela pegou, ela tirou. Daí ela foi embora, não sei para onde, aí não sei, não vi mais. [choro] E nem quero ver também (João, 71 anos).

Eu tive meus altos, tive meus baixinho e depois alto, alto, alto, alto e perdi tudo por causa do cunhado meu [...] Mas eu, ainda bem que não me atirei [pausa], mas depois do outro me roubá dinheiro, tava me equilibrando né, má depois veio o baque do otro ali segundo [...] me roubaram tudo [...] (Luiz, 75 anos).

O entrevistado Luiz, de 75 anos, apresenta a aposentadoria como um fator de risco para a população idosa, o que demonstra uma contradição: “é tudo sabe o que que é, hoje em dia a

aposentadoria dos idosos, ela é boa e não é [pausa]”. Isso mostra o quanto esse tipo de violência é frequente e o quanto a insegurança faz parte das vivências da pessoa idosa.

Como apresentado acima, no balanço da violência contra a população idosa mostra que a financeira está como a terceira violência mais denunciada, com 19,9%. A forma de apropriação indevida dos bens, aposentadoria ou outra forma econômica, configura crime previsto no estatuto do Idoso, no artigo 102, da Lei 10.741/2003. Essa manifestação da violência retira da vítima as suas conquistas, as quais, por muitas vezes, ocorreram através de uma vida de esforços; retirando a sua história e estabilidade.

Através desses relatos, observa-se que os fatos se finalizam entre os conflitos nas relações, pois nenhuma vítima registrou denúncia. A prevenção e a ação intergeracional são as melhores formas de enfrentamento, porém, precisam de uma busca ativa, um mapeamento para chegar até esses idosos que estão passando por tal situação, a fim de ampará-los, de forma a assegurar sua integridade; promovendo suporte para o processo judicial.

3.2.2 Violência de gênero

Nos relatos trazidos, a questão da violência de gênero também estava presente. As falas da Maria, de 70 anos, retratadas a seguir, ilustram essa violência:

Eu gostaria de dizer que sofri muito com o próprio marido agressões, facadas má palavras, mau respeito ele tinha para mim, desaforo, me fazia passar vergonha quando os colegas dele chegavam na minha casa ele me desaforava na frente deles, eu chego a chorar de vergonha porque ele me marotava por isso eu falho, por que eu sofri muito. Apanhei alguma vez dele, do meu ex marido, porque ele bebia, mas alguma vez já apanhei dele [...] Eu fui muito sofrida meu Deus do céu, eu fui muito sofrida (Maria, 70 anos).

Maria relatou, ainda, que contou com a ajuda da equipe de saúde quando ficou internada por agressão: *“Eu saí do hospital com soro na agulha para ir lá e voltei internar de novo, eu apanhava direto [...] A que trabalha na saúde me ajudou a encaminhar para o Fórum, ela que me ajudou, as do posto, quase morri de vergonha porque nunca tinha lidado com a polícia”*.

Além dessa triste colocação, há os relatos da Ana, de 70 anos, que se encontra em situação de violência:

Meu marido bebe, incomoda. Agora tá dormindo [sussurrou]. Ele briga, com todos, sempre e agora deu de todo dia, todo dia [...] Ele me agride em palavras. Fica tudo no peito [...] Descanso tenho um pouco só de dia, de noite é difícil, não tem um dia que descanso, e faz tempo, faz tempo [...] E eu, de noite quase não durmo, minha pressão vai lá em cima né. Eu tenho bastante problema de saúde, tudo por causa dele.

Eu precisaria de ajuda sobre ele né, no mais eu estaria bem [...] Eu não sei, eu tinha vontade de pedir para me internar, para ter descanso. A internação acho que é mais solução para mim do que para ele, porque para ele [pausa] não adianta (Ana, 70 anos).

Essa entrevista ocorreu no período da manhã e no lado de fora da casa, enquanto seu marido estava dormindo. Ana se apresentou apreensiva, amedrontada e sussurrava ao falar dele; relatou, também, que “*pediu ajuda*” na assistência e na saúde: “*várias vezes, eu fui lá na saúde, acho que elas vão vir agora [...]*”.

As violências, geralmente, estão sobre relações de poder e, na sociedade patriarcal, as mulheres são as maiores vítimas. Conforme Minayo (2006, p. 93) corrobora, essa violência é caracterizada pela “dominação, de opressão e de crueldade estruturalmente construído nas relações entre homens e mulheres, reproduzido na cotidianidade e subjetivamente assumido, atravessando classes sociais, raças, etnias e faixas etárias.”.

Outro fator relevante na questão de gênero foi o fato analisado que, quando um idoso homem mora com seus filhos, ou perto deles, esse contexto se baseia em cuidados domésticos ao idoso; já no caso da mulher, nesse mesmo contexto, ela fica encarregada dos cuidados domésticos e dos netos, como afirma Kuchemann (2012, p. 170), “o cuidado ainda é compreendido como um valor predominantemente feminino, realizado gratuitamente no âmbito familiar”. Entretanto, nos relatos, esses aspectos foram trazidos com naturalidade, não sendo percebidos como uma violência. As idosas continuam cuidando dos filhos e dos netos.

Tenho o S. [filho] o mais velho, ele é alcoólatra, ele bebe, só que é um filho maravilhoso, até recém eu tava falando com ele, meu filho... [...] vamo se interna, vamo se cura, tu é um menino bom né. Só que ele não aceita que ele é alcoólatra (Bruna, 85 anos; o filho e o neto, que ela “criou”, residem no andar de baixo da casa).

Com a filha e os netos tudo bem, mas em tudo é um pouco difícil [...] (Ana, 70 anos; a filha e o neto recém-nascido residem com os pais).

Minha nora sai as seis da manhã e volta seis e meia quinze para sete, e eu tomo conta dos filhos [...] Olha, é normal para uma vó que já criou desde a primeira neta até essa aqui, para mim é normal, eu não acho difícil (Maria, 70 anos; é avó de “26 netos vivos e 3 falecidos” reside com o filho, a nora e três netos; ela cuida dos serviços domésticos e dos netos).

O aumento da longevidade de vida da mulher trouxe, também, o prolongamento dos papéis atribuídos a elas. Prolonga-se o papel de filha, de mãe, de esposa, de avó e acrescenta-se outras funções, no que se refere ao cuidar.

A violência, como um fenômeno social, torna complexa a sua origem e suas manifestações. De acordo com Minayo (2005), uma das causas de maior incidência de violência

contra essa população é que a grande maioria convive no ambiente familiar. Ainda, segundo a autora, a violência “não pode ser analisada nem tratada fora da sociedade que a produz em sua especificidade interna e em sua particularidade histórica”, sendo um “fenômeno eminentemente sócio-histórico” (MINAYO, 2005, p. 15).

3.3 Solidão e formas de enfrentamento

As mudanças, as novas formas de arranjos de vida e as perdas decorrentes do envelhecimento são fatores que podem influenciar no isolamento social, na depressão e, conseqüentemente, na solidão enfrentada nessa fase da vida. Sabe-se que a velhice não é sinônimo desses fatores, mas que esses podem estar relacionados à solidão. Dentre os aspectos que mais acentuam esse sentimento, tem-se a sensação de perda de utilidade social, a viuvez e o abandono familiar. Nas entrevistas, os entrevistados masculinos viúvos demonstravam a falta e a necessidade que sentem em ter uma companhia, como pode ser observado neste relato:

Aí continuei minha vida sozinho. Batalhando cuidando minha casa, me virando [...] Eu me virei sozinho mesmo, ninguém me cuidou, porque não tinha ninguém, não tinha ninguém [...] Eu sentia, eu queria ter uma pessoa junto comigo, que tivesse do meu lado, pelo menos para conversar comigo, que dissesse ô, precisa de um apoio de uma coisa ou outra eu estou aqui para te ajudar (Gilmar, 60 anos, viúvo).

A solidão é um sentimento angustiante, provoca tristeza e pesar; é complexa e de difícil identificação ou expressão; podendo, às vezes, ser confundida com apenas um momento de solidão ou com a discriminação que provoca a exclusão. Para Azeredo e Afonso (2016), nas relações mantidas, há um sentimento de não pertencimento e de desinteresse, o qual é resultado, geralmente, de uma discrepância entre a realidade e as expectativas que a pessoa tem com as suas relações sociais.

Assim, em um contexto cada vez mais acelerado, tem-se, como consequência, a ausência da família ou de um tempo adequado para os idosos, acarretando, assim, o sentimento de solidão. A família, como a primeira e mais importante instituição cultural do indivíduo, em que são formadas as representações de valores e sentimentos, assume um papel de importância, em especial na fase da velhice.

Os relatos a seguir mostram, de forma explícita e implícita, a solidão associada ao contexto familiar.

Olha é normal, porque meu filho só vem para almoçar e só vem de noite, nem vejo ele, só abre a frestinha da porta do meu quarto e diz; mãe tô indo e eu digo: Vai com Deus meu filho! A minha filha mais nova das mulheres, diz que não tem mãe [...] dos filhos assim, para não magoarem o pai, eles não vem aqui, mas magoam a mãe né (Maria, 70 anos).

Eu tenho minha filha mora aqui né mas, nós semo visita de manhã e de noite né, durante o dia ela vai trabalha né, o genro também, a filha também, a neta né, os otro dois filho moram longe. Mas eu, me conformo e só conformado (Dimas, 80 anos).

Mas a noite [pausa] quando tu chega em casa e você fecha a casa aí você vê que a solidão pega, aí você não tem com quem conversar, você olha para as paredes, a TV, e não tem com quem conversar, então é a solidão, e é bem difícil, bem difícil mesmo [lágrimas] [...] Tu levanta de manhã também, ah tu, tu vê a cuia de chimarrão na tua frente o cigarro e as paredes, então é bem difícil conviver sozinho, isso posso dizer a solidão é um castigo na vida da pessoa. [pausa] (Gilmar, 60 anos).

Diante desses relatos percebe-se que a fragilização de laços é ocasionada pela quantidade de horas trabalhadas, essa fragilização se intensifica conforme avança o processo de envelhecimento. Pelo sistema capitalista e o contexto cultural, os profissionais devem se direcionar a não culpabilização da família, identificando o desamparo estrutural.

Com isso, entra-se em uma contradição, pois uma das formas citadas como recurso para enfrentamento à solidão foi o trabalho. Conforme as seguintes narrativas:

A solidão é difícil, é difícil, [suspiro] durante o dia passa, conversa com os amigos, no trabalho, com o pessoal, aqui fica no meio do povo né, então tu conversa tu vê, o dia passa (Gilmar, 60 anos).

E quanto mais eu trabalhar, mais eu me sinto feliz [...] (Maria, 70 anos).

Eu não sou muito de saí, ir em bodega essas coisa, não sou muito disso aí, eu gosto mais de tá agitando em casa, se tive serviço eu ia trabalha má não dá, minha idade também não ajuda mais (Luiz 75 anos).

Eu faço assim, eu faço bolachinha, vendo bolachinha, vendo cuca, pra me entreter pra ter também um ganho a mais (Bruna, 85 anos).

[...] então meu serviço é leve por aqui, e as vezes ajudo minha esposa na casa [...] Às vezes invento de fazer alguma coisa um pouco pesada então sinto dor, mas tomo medicamentos e tá tranquilo (José, 76 anos).

Em um sistema que molda seus indivíduos, o trabalho foi o mais citado como forma de lazer, pertencimento, satisfação e interação social nas entrevistas realizadas. Segundo Paschoal e Tamoyo (2008), a satisfação no trabalho está intrinsecamente relacionada aos aspectos cognitivos e afetivos de bem-estar.

A questão da religiosidade também foi citada e analisada como forma de enfrentamento à solidão, como é perceptível nestes relatos:

[...] com a benção de Deus né, que nunca tu vai i mau né tu vai te sempre boa saúde e ó [...] eu tenho a bíblia aqui em cima da mesa, muito devoto graças a Deus, tenho tudo (Dimas, 81 anos).

[...] ia lá, fui várias vezes naquela igreja vendo as pessoas sendo curado ali (Bruna, 85 anos).

Desse modo, nota-se que a religiosidade traz a sensação de sentido da existência, bem como a sensação de amparo, zelo e afeto. Conforme afirmado por Koenig (1988 *apud* PANZINI; BANDEIRA, 2007), as pessoas idosas tendem a buscar suporte religioso para o enfrentamento das dificuldades.

Como visto, a solidão é um sentimento que causa preocupação entre os idosos; eles a temem, e esse temor pode deixá-los vulneráveis às violências e aos adoecimentos. No atual contexto pandêmico, esse grupo está experienciando esse sentimento de forma mais intensa, visto que uma das formas mais eficazes para o enfrentamento é o convívio social e comunitário. Sendo assim, passa-se para a quarta, e última, categoria de análise desta pesquisa, a qual considera as mudanças na rotina dos idosos devido à pandemia da Coronavírus.

3.4 Mudanças no cotidiano em decorrência da pandemia da Covid-19

No contexto pandêmico, o isolamento social é a forma mais eficaz de evitar o contágio e a propagação da Covid-19. Desde o início da pandemia no Brasil, os idosos foram definidos como “grupo de risco” e as suas vulnerabilidades estão sendo estampadas diariamente; dessa forma, tornaram-se os protagonistas dessa circunstância.

Sendo assim, são eles os mais atingidos pelas inseguranças trazidas por esse cenário. Essa situação e sua forma de enfrentamento, deixa esse público mais vulnerável a violências domésticas, ao abandono, aos preconceitos, à infantilização, à ansiedade e à solidão. A medida que se usa para os proteger do vírus é a mesma que causa impactos relevantes nas suas qualidades de vida, como relatado na entrevista, por Bruna, de 85 anos:

Só que hoje a gente vê que é complicado pro idoso né, porque a pessoa idosa, em primeiro lugar o respeito na família tudo bem, tudo aí, não tem problema nenhum né, mas a gente se sente meio constrangida né, eu que nem hoje com essa pandemia me parece que eu não posso mais sair pra rua, parece que eu tenho vergonha, tu vê como que né, que mal que fez isso aí para todo mundo, má mais pros idosos.

Sobre o aspecto da estigmatização dos idosos nesse contexto, Dourado (2020) aborda que a ideia acentuada de que os idosos são frágeis e precisam da tutela do Estado, da sociedade e da família reproduz os estereótipos da velhice, como a perda de autonomia e o aumento dos

custos para o sistema de saúde. Assim, a autora comenta que os retirar da vida pública, classificá-los como grupo de risco e isolá-los de seus trabalhos, lazeres e atividades faz com que se traga à tona a imagem de que o idoso é improdutivo, um fardo para a família, o Estado e a sociedade.

A antropóloga Goldenberg, em entrevista à *BBC News*, usa o conceito de velhofobia para se referir ao discurso predominante sobre os idosos na pandemia, citando que “políticos, empresários e até o presidente da República já disseram que ‘não se pode deixar a economia parar’ e que os jovens ‘têm que voltar a trabalhar’. Ou até que os velhos vão morrer ‘mais cedo ou mais tarde’.” (GOLDENBERG, 2020 *apud* BARRUCHO, 2020, on-line).

Posto isso, os impactos da pandemia no cotidiano dos idosos podem ser observados nas falas a seguir

E depois, as coisas que nó perdemos é o grupo São Francisco, é um grupo que nó cantamos quarenta anos na igreja, todas as quintas nós íamos no ensaio, a missa quase todos os finais de semana se não era sábado, domingo. Só que agora o maestro nosso, que é músico que tocava órgão que era o chefe do grupo, faleceu deu o coronas, o único da Estação [...] (Bruna, 85 anos).

Ah o lazer é os bailes da terceira idade, que isso tá fazendo falta [...] (José, 76 anos).

A vida era divertida, gostava de dança, agora não gosto mais, perdi a vontade já, esse ano não vai te nada [...] Faze o que né, então o laze da genti morreu (Luiz, 75 anos).

Má agora com essa pandemia, se distanciemo porque, tem que se distanciá né. Principalmente o idoso né, tem que si cuida, tem que si cuida, porque [pausa] pego danço, não tem, não tem, dança memo. Porque não tem mais a resistência, mais o, como que se diz a, imunidade, já é baixa né (Dimas, 81 anos).

Os encontros à distância estão sendo uma forma ativa de interação na pandemia; porém, as desigualdades no acesso aos recursos digitais e à alfabetização, para utilização desses meios, fazem com que essa prática não seja democrática. Além disso, o isolamento social e suas consequências não são vividas de formas iguais, uma vez que as experiências nesse contexto são diferenciadas pelas condições sociais.

A pandemia é um grande desafio para a humanidade; todos, de diferentes formas, são atingidos cotidianamente por ela, visto que, hoje, enfrenta-se o vírus e, futuramente, suas enormes consequências. Para o “grupo de risco”, esses impactos têm um grande peso; como Goldenberg (2020 *apud* BARRUCHO, 2020, on-line) exemplifica, “esse pânico não é só físico, mas também simbólico. Perdemos valor para a sociedade ao envelhecer. Tanto valor que nos tornamos descartáveis. Que podemos morrer para ‘salvar a economia.’”

Diante das percepções trazidas pelos idosos entrevistados, foi possível realizar reflexões sobre o fazer profissional do Assistente Social. As vivências no processo de envelhecimento são heterogêneas, sendo assim, a atuação tem que ser qualificada para o atendimento de cada indivíduo em sua totalidade, efetivando as práticas profissionais e as ações voltadas ao processo de envelhecimento saudável; bem como, o enfrentamento da violência contra a população idosa.

4 CONCLUSÃO

O desenvolvimento da presente pesquisa respondeu ao objetivo e possibilitou analisar as diferentes percepções do processo de envelhecimento e da violência contra a população idosa.

Na percepção o que envolve o processo de envelhecimento, os idosos trouxeram uma visão negativa, afirmando esse viés com inúmeros aspectos como: a solidão, o desamparo, as violências, o abandono e o sentimento de inutilidade. Fatores esses que são enfrentados de forma a servir à família, com trabalho ou financeiramente, o que os deixa vulneráveis às violências; estas que eles naturalizam, como uma autodefesa aos aspectos negativos, dando a eles uma sensação de pertencimento.

Diante das análises realizadas, constatou-se que as condições sociais influenciam no processo de envelhecimento saudável, tendo em vista às incertezas econômicas e às dificuldades de acessar seus direitos; pontos que atingem diretamente a qualidade de vida da pessoa idosa. Esse processo, como algo experienciado de forma heterogênea, apresenta diferentes fatores em uma percepção de totalidade, trazendo inúmeras inseguranças vivenciadas em uma sociedade neoliberal, em que experenciam os efeitos da precarização dos direitos trabalhistas acumulado com a diminuição da proteção social.

No que tange à identificação da violência, a maioria dos idosos entrevistados identificou as explícitas, como as agressões físicas e as violências econômicas praticadas de forma acentuada. Como analisado, o adoecimento e a dependência são fatores atenuantes para as diversas formas de violações. A violência de gênero, embora presente na vida dos idosos entrevistados, não é percebida nem compreendida, sendo, então, naturalizada.

Compreende-se que um dos maiores desafios profissionais, nesse contexto, é o reconhecimento e a identificação, por parte dos idosos, das diversas formas de violência, bem como a efetivação das denúncias e a forma de visibilidade da vítima. Como visto, muitos dos entrevistados passaram por violências, ou estão passando, sem o atendimento profissional; sem saberem por onde começar a busca pela proteção e garantia de seus direitos.

Como apresentado na pesquisa, por mais que reconheçam a violência, elas não foram denunciadas. Em alguns casos, as vítimas estavam em atendimento profissional, fator que remete, ainda, à falha na comunicação entre as redes, causando, por conseguinte, o desamparo e as incertezas dessa população, que acaba sendo violentada também pelas instituições que deveriam protegê-la. As políticas públicas, portanto, devem ser construídas a fim de superar o familismo; de modo que trabalhem de forma equitativa, e que o Estado seja eficaz no seu papel de prover o direito social.

Para tanto, o fazer profissional deve ser qualificado para o atendimento dessa população, de maneira que a realidade de cada idoso possa ser compreendida, para se fazer possível a efetivação de práticas profissionais que atendam o indivíduo em sua totalidade. Logo, ações voltadas ao reconhecimento e à identificação da violência, como formas de denúncias, devem ser realizadas de forma intensa e contínua.

Diante deste estudo, outros questionamentos apareceram, suscitando a emergência de novas pesquisas; tais como a importância de aprofundar o porquê da naturalização da violência de gênero e o acréscimo de papéis e de responsabilidades às mulheres idosas, a frágil linha entre o cuidado e a violência. Ademais, precisa-se de um aprofundamento no que tange ao enfrentamento à violência, assim como acerca das suas causas, do silêncio e do conluio diante dela.

Constata-se, diante do contexto atual, que o envelhecimento populacional ultrapassa o prisma profissional do Serviço Social, sendo de extrema relevância para o indivíduo, a sociedade e o Estado. O Brasil envelheceu a passos largos e, hoje, apresenta-se, em caráter de urgência, a necessidade de políticas públicas e profissionais qualificados que atendam às demandas dessa parcela significativa da população.

5 REFERÊNCIAS

AUGUSTO, O. Brasil registra 102 casos de violência contra idosos por dia em 2018. *Metrópoles*. 12 jun. 2019. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/brasil-registra-102-casos-de-violencia-contra-idosos-por-dia-em-2018>. Acesso em: 05 set. 2020.

ARALDI, M. *A descoberta de projetos de vida: contribuição do projeto idoso empreendedor no processo de envelhecimento*. 2008. 87f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/119616>. Acesso em: 23 abr. 2018.

AZEREDO, Z. A. S.; AFONSO, M. A. N. Solidão na perspectiva do idoso. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 313-324, 2016.

BARRUCHO, L. Pandemia de coronavírus evidencia 'velhofobia' no Brasil. *Viva Bem*. 2 maio 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/bbc/2020/05/02/pandemia-de-coronavirus-evidencia-velhofobia-no-brasil-diz-antropologa.htm>. Acesso em: 18 nov. 2020.

BRASIL. Aumenta número de denúncias de violação aos direitos de idosos durante pandemia. *Governo do Brasil*. 15 jun. de 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/assistencia-social/2020/06/aumenta-numero-de-denuncias-de-violacao-aos-direitos-de-idosos-durante-pandemia>. Acesso em: 02 out. 2020.

BRASIL, Ministério da Saúde. *Estatuto do idoso*. 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2006.

CAMPOS, A. C. V.; FERREIRA, E. F.; VARGAS, A. M. D. Determinantes do envelhecimento ativo segundo a qualidade de vida e gênero. *Ciência saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 7, p. 2221-2237, jun. 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232015000702221&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 15 out. 2020.

CAPUCHA, L. Envelhecimento e políticas sociais em tempos de crise. *Sociologia, Problemas e Práticas*, Lisboa, n. 74, p. 113-131, fev. 2014.

DEBERT, G. G. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

DOURADO, S. P. da C. Como pensar a velhice em tempos de coronavírus. *Boletim Cientistas sociais e coronavírus*. 27 maio 2020. Disponível em: http://anpocs.com/images/stories/boletim/boletim_CS/Boletim_n49.pdf. Acesso em: 17 nov. 2020.

FALEIROS, V. P. Violência contra a pessoa idosa: *ocorrências, vítimas e agressões*. Brasília. 2007.

GOLDMAN, S. N. Proteção social e velhice: um desafio para o serviço social. In: SOUZA, N. R. O. Q. *et al. Política de Assistência Social no Brasil: desafios para o assistente social*. 1. ed. Rio de Janeiro: Public Editora, 2007.

HERRERA, A. M. M. *Considerações sobre maltrato e violência na velhice*. 2004. Disponível em: <http://www.gerontologia.org>. Acesso em: 05 ago. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS. *Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas*. 2020. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em: 16 nov. 2020.

JARDIM, V. C. F. S.; MEIDEIROS, B. F.; BRITO, A. N. Um olhar sobre o processo do envelhecimento: a percepção de idosos sobre a velhice. *Revista Brasileira de Geriatria e*

Gerontologia, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 25-34, maio/ago. 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180998232006000200025&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 nov. 2020.

KUCHEMANN, B. A. Envelhecimento populacional, cuidado e cidadania: velhos dilemas e novos desafios. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 27, n. 1, p. 165-180, jan./abr. 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922012000100010&script=sci_arttext. Acesso em: 26 out. 2020.

MINAYO, M. C. S. Visão antropológica do envelhecimento humano. In: SESC. *Velhices: reflexões contemporâneas*. São Paulo: Sesc/PUC-SP, 2006.

MINAYO, M. C. S. *Violência contra idoso: o avesso do respeito à experiência e à soberania*. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2005.

NERI, A. L.; FREIRE, S. A. *E por falar em boa velhice*. Campinas: Papyrus, 2000.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. 2019. Disponível em: http://www.oms-brasil.org.br/organizacao_mundial_da_saude. Acesso em: 27 out. 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU*. 01 nov. 2019. Disponível em: http://www.onu-brasil.org.br/documentos_direitos_humanos. Acesso em: 27 de out. 2020.

PACHECO, J. L. Sobre a aposentadoria e envelhecimento. In: PACHECO, J. L. *Tempo: rio que arrebat*. Holambra: Editora Setembro, 2005. p. 59-73.

PALMA, L. T. S.; SCHONS, C. R. (Org.). *Conversando com Nara Costa Rodrigues: sobre gerontologia social*. 2. ed. Passo Fundo: Editora UPF, 2000.

PANZINI, R. G.; BANDEIRA, D. R. Coping (enfrentamento) religioso/espiritual. *Revista Psiquiatria Clínica*, São Paulo, v. 34, 2007.

PASCHOAL, T.; TAMOYO, A. Construção e validação da escala de bem-estar no trabalho. *Revista Avaliação Psicológica*, [s. l.], v. 7, n. 1, p. 11-22, 2008.

TEIXEIRA, S. M. O envelhecimento e as reformas no sistema de seguridade social no Brasil contemporâneo. *Textos & Contextos*, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. jan./jul., 2018.

ZOLOTOW, D. *Violência, família e terceira idade*. 2005. Disponível em: <http://www.pucsp.br/portaldoenvelhecimento/artieop/geral/artigo40.htm>. 2004. Acesso em: 05 ago. 2020.

6 APÊNDICES

5.1 Questionário.

5.2 Entrevista.



1. Para senhor(a) o que significa envelhecer?
2. O que é violência para senhor(a)?
3. O senhor(a) acha que já viveu alguma dessas violências?
Podendo ser assinalada mais que uma.
 - () Física – implicações onde usam a força física.
 - () Psicológica - agressões verbais, humilhação ou privar da liberdade.
 - () Financeira – uso indevido do seu dinheiro ou sem consentimento.
 - () Negligência – recusa ou omissão de cuidados.
 - () Abandono – ausência de familiares ou de serviços, instituições, governo.
 - () Não lembro ou não vive.
4. Se já viveu, poderia descrever sobre?
5. Livre para deixar um recado, descrever alguma situação, deixar alguma observação sobre envelhecimento e ou violência.



Questões fechadas:

- 1) Gênero:
 Feminino Masculino
 Outro, qual? _____

- 2) Idade:

- 3) Etnia:

 Branca Negra Parda
 Indígena Amarela
 outra, qual? _____

Questões abertas:

- 1) Com quem o senhor(a) mora?
- 2) Como é dividido as despesas da casa?
- 3) Qual sua função no seu lar?
- 4) Como é a sua relação e seu dia a dia com a família?
- 5) Tens problemas de saúde ou alguma dependência?
- 6) Em que medida e o que é feito para seu lazer?
- 7) Como você imaginava que seria a sua vida nesta fase?